



Ana Cristina com um de seus filhos vive da ajuda de vicentinos



Antonia: ratazana e barata infestam nosso barraco

A miséria passa pelo condomínio Privê

Condomínio Privê. Apesar do nome chique, a pobreza é absoluta.

Situado atrás da Expansão do Setor O, na Ceilândia, o loteamento irregular é cercado de barracos paupérrimos.

Esgoto a céu aberto, falta de água tratada, crianças doentes, desemprego e uma violência que assusta a todos compõem o cenário do Condomínio Privê.

Géssica de Moraes Saraiva, nove meses, pode ficar aleijada da perna esquerda. Há um mês, foi atingida por uma bala perdida e não recebeu o tratamento adequado.

Descuido — Por falta de informa-

ção, a mãe, Silvânia Araújo de Moraes, não a levou ao hospital. “A bala entrou de um lado e saiu do outro”, diz ela, sem se dar conta da visível deformidade na perna da criança.

Deocleciano Garcia Alves, 23 anos, dois filhos, se apavora com a impunidade dos vizinhos.

“Os carinhas da Expansão usam a gente como alvo. Atravessam a rua e ficam atirando na direção de nossos barracos”, denuncia.

Mãe de sete filhos, Ana Cristina Lopes reclama da pobreza em que vive. Mas acha impossível escapar dela.

Ajuda — “Vivo da ajuda dos vi-

centinos (um movimento de caridade da igreja católica). Nunca trabalhei e meu marido é um pé-inchado (alcoólatra). Criamos os meninos do jeito que Deus permite”.

Juliana Tavares da Silva tem dois anos e quando ela chora à noite a primeira coisa que a mãe faz é gritar.

“Ela já foi mordida mais de dez vezes por ratazanas que infestam nossos barracos. Quando chora já sei que foi um novo ataque”, diz Antônia Silva Rocha, 23 anos. “Grito para as ‘bichas’ se assustarem”, explica.

“Preciso de um lote. Isto aqui é um inferno. Além das ratazanas, tem muito mosquito e barata”, apela.